

Entrevista

Ana Carolina Escosteguy:

Cenários dos estudos culturais



Ed Wilson Ferreira Araujo
Tháisa Bueno
Marco Antonio Gehlen
Lucas Santiago Reino

Autora do livro “Cartografia dos estudos culturais” (2010), “Leituras em comunicação, cultura e tecnologia” (2007), “Comunicação e Recepção: um panorama dos estudos culturais e midiáticos (2005) - em coautoria com Nilda Jacks –, além de coautora e organizadora em outras obras de referência sobre o tema cultura e comunicação no Brasil, Ana Carolina Escosteguy é hoje um dos nomes mais importantes quando se pensa em estudos culturais no país.

Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2000), com pós-doutorado no CAMRI (Communication and Media Research Institute), associado ao Department of Journalism and Mass Communication da School of Media, Art and Design da University of Westminster (UK), Ana Carolina Escosteguy é professora titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e bolsista produtividade em pesquisa do CNPq, desde março de 2001.

Nesta entrevista, ela discute pontos sensíveis da área, entre eles o pouco destaque que as pesquisas desse campo têm tido no Jornalismo e o fato de a base teórica ser bem mais ampla que os tradicionais estudos de recepção a que são comumente aproximados. Também não se nega a tratar das confusões com a folkcomunicação, bem como os próprios limites e intersecções desse campo de estudos. Durante esta conversa, aproveita para apontar as obras que considera essenciais para adentrar na área e mostra coragem e segurança para se colocar como uma pesquisadora que busca entender o tempo atual, as tecnologias e as rupturas a partir da perspectiva do usuário. Confirmam:

O que seriam efetivamente os estudos culturais, já que esta é uma área tão ampla?

Qualquer definição dos estudos culturais vai ser uma definição possível. Não tem esse caráter de definitiva ou de completa. Eu diria que, como o próprio nome diz, a primeira questão seria a preocupação, a compreensão da cultura e, sobretudo, questões da cultura contemporâ-

nea, desde que essa compreensão de cultura contemple todos os atores sociais envolvidos nisso.

Mas entender a cultura assim, de uma maneira tão diversificada, não deixa o campo muito aberto? Como se tateia isso?

Concordo com Martín-Barbero que já na época do livro “Dos meios às mediações” dizia que, a partir de um determinado momento, no cenário contemporâneo, as fronteiras do nosso objeto, o objeto da Comunicação, implodem. Do meu ponto de vista, isso não diz respeito exclusivamente aos estudos culturais, diz respeito, também, aos estudos em Comunicação. Ou seja, se até um determinado momento a gente pode mapear e identificar determinadas fronteiras, após a virada cultural se associam sentidos à economia e à política ampliando nosso objeto de estudo.

Os estudos culturais ainda são um estudo da periferia?

Depende do que significaria ser da periferia. Acho que são, ainda, muito importantes para os estudos culturais, por exemplo, os objetos, não vou dizer da periferia, mas que tratem das culturas das minorias. São importantes o reconhecimento do peso cultural do que possa ser pensado como cultura das minorias, do tipo: o reconhecimento da cultura feminina, a cultura dos distintos jovens, das pessoas com deficiência, ou seja, o reconhecimento dessa diversidade de culturas que hoje convivem e ocupam espaços diferentes, nisso que nós podemos denominar como cultura contemporânea.

No Jornalismo, os estudos culturais são uma teoria periférica?

Do meu ponto de vista, nos estudos de Jornalismo, são completamente marginais. O uso dos estudos culturais no nosso contexto, no contexto nacional, ou seja, o aporte dos estudos culturais articulados aos estudos do Jornalismo é quase inexistente. Na primeira vez que fui ao SBPJor (2012), junto com uma sócia dessa sociedade científica, fizemos a proposta de uma mesa que nem levava o nome de estudos culturais, mas propunha uma discussão nesse sentido, incluindo outras contribuições teórico-metodológicas próximas aos estudos culturais para o estudo do Jornalismo.

Mas por que isso ocorre?

Porque, do meu ponto de vista, o Jornalismo e os estudos do Jornalismo são extremamente corporativos. Corporativo no sentido de demarcar que o objeto do Jornalismo, o objeto de estudo, da pesquisa, do campo do Jornalismo é extremamente específico, ou seja, mantém diferenças com outras manifestações culturais. Não que, num certo sentido, as práticas jornalísticas não mantenham suas singularidades, mas quando eu falo de tratar o Jornalismo como um fenômeno cultural, em certa medida, eu o estou alinhando a outras manifestações cultu-

rais, embora possa manter alguma especificidade. No entanto, tratando-o como um processo de circulação de sentido e não exclusivamente, vamos dizer, como transmissor de informação, o que é mais usual. O discurso jornalístico tem suas particularidades, mas o fundamental não é pensar isso, o fundamental é pensar o que esse jornalismo produz na sociedade, o que produz em termos de significações, de sentidos que vai criando e, por sua vez, constituindo a sociedade.

Quais são os grandes temas aos quais os estudos culturais têm se dedicado hoje no Brasil?

Eu acho que o Brasil, ainda, está circunscrito aos estudos de recepção, mas me parece que o aporte dos estudos culturais relacionados às novas tecnologias vai numa crescente. Até porque, na avaliação que eu faço, vem crescendo também a crítica à perspectiva tecnicista. E no momento em que essa perspectiva extremamente centrada na tecnologia está sendo questionada, parece-me que há um olhar que diz: nós temos que prestar atenção nos usos dessas tecnologias, nas relações que elas propiciam, nas incorporações delas na vida cotidiana. Como nós nos apropriamos dessas tecnologias no nosso dia a dia? O que nós estamos fazendo com elas?

Os estudos culturais precisam ser engajados politicamente ou isso prejudicaria a pesquisa?

Do meu ponto de vista, a escolha de um objeto já significa um engajamento. O engajamento político já está dado quando eu manifesto interesse, por exemplo, em estudar mulheres das classes desprivilegiadas. Portanto, quando tu recortas um objeto essa é uma escolha política. Parece-me que os estudos culturais são sempre engajados, em certo sentido.

Quem são os grandes nomes da academia que se dedicam aos estudos culturais no Brasil hoje?

Eu acho que tem um grupo de jovens pesquisadores. Vou citar alguns. Por exemplo, no Rio de Janeiro, João Freire Filho; na Bahia, Itânia Gomes; no Rio Grande do Sul, Nilda Jacks e Veneza Ronsini; no campo dos estudos da música, Jeder Janotti Jr., Felipe Trota, entre outros. Embora alguns desses autores não façam menção explícita aos estudos culturais, eu os identificaria com os estudos culturais na medida em que o tratamento dos seus objetos de estudo revela uma prática em estudos culturais.

Que contribuição os estudos culturais podem trazer para as pesquisas diante dessas críticas à condição tecnológica?

O grande objeto não é a tecnologia em si, ou seja, a tecnologia é criada, é desenvolvida, tem certas potencialidades. Tudo isso está atribuído à tecnologia, mas esse não é o nosso objeto, nem da Comu-

nicação, muito menos dos estudos culturais. Eu diria que é muito mais o impacto disso, o que essas tecnologias estão gerando, modificando ou alterando o modo de vida, as relações das pessoas. É muito mais importante os usos das tecnologias do que a tecnologia em si. O desenvolvimento de novas tecnologias e o estudo desse aspecto me parece que é de outras áreas, não é da nossa área. Os estudos em Comunicação e os estudos culturais têm que priorizar a relação com os sujeitos, porque comunicação sem sujeito não existe.

Você acredita que os estudos culturais são os responsáveis para colocar, por exemplo, as telenovelas como objetos de estudo?

Do meu ponto de vista, o reconhecimento da telenovela como objeto legítimo pode, sim, estar associado a uma das premissas dos estudos culturais, mas isso não quer dizer que todos que se debruçam sobre a telenovela o façam na perspectiva dos estudos culturais. Até porque nós temos estudos clássicos, e anteriores, como por exemplo os de economia política da telenovela, sobre a importância econômica da telenovela. De outro lado, nós temos aqueles textos mais vinculados a uma raiz literária, o estudo da narrativa, do gênero narrativo implicado na telenovela, ou seja, acho que não daria para dizer, de forma genérica, que a telenovela como objeto de estudo foi uma descoberta, um ganho, uma reivindicação dos estudos culturais, mas, sim, um certo tipo de olhar sobre ela.

Qual a atualidade e a força dos estudos culturais na constituição do campo da Comunicação no contexto da América Latina?

De meados e mais para o final dos anos 80, aos poucos os estudos culturais foram cada vez mais ganhando legitimidade. Esse é um processo lento, muito lento em termos de adquirir uma legitimidade teórica e um reconhecimento da sua potencialidade. Eu penso que, no cenário atual, nós temos uma diversidade de teorias. É diferente dos anos 60, 70 e até início dos 80 quando a gente podia identificar qual era a teoria dominante no campo. A partir da virada dos 80 para os 90, não é possível mais identificar qual é a teoria dominante nos estudos de Comunicação. Mas, isso talvez seja por uma condição da contemporaneidade, talvez da circulação mais rápida das bibliografias, dos novos aportes teóricos de outras áreas. Possivelmente, isso também seja uma realidade de outras áreas. Penso que o mesmo pode estar ocorrendo com a Sociologia, com a Antropologia. Se você perguntasse para um antropólogo qual é a perspectiva dominante naquela área, será que ele identificaria uma única vertente? Eu considero que hoje a gente convive com uma pluralidade de teorias em circulação e que, portanto, elas são tomadas para compreender distintos objetos. Parece-me não ser possível hoje demarcar, com tanta clareza, como se fez até a década de 90, o que é o dominante.

Qual é a diferença entre estudos culturais e Folkcomunicação?

Talvez eu pudesse dizer que a grande diferença está na escolha dos objetos. Eu não conheço quase nada da Folkcomunicação, mas o nome dessa área sinaliza o ponto de partida que é a escolha de manifestações culturais tradicionais na sua relação com o contemporâneo. Eu diria que os estudos culturais partem já das manifestações culturais contemporâneas, que pode incluir ou não sua relação com manifestações culturais tradicionais ou mais antigas. É o contrário, ou seja, eu escolho algo de hoje que pode remeter ao passado, a uma história cultural, a uma trajetória que tem raízes em outras formas culturais, mas eu pego algo de hoje. Me parece (e insisto, não sou conhecedora do tema) que uma das premissas diferenciadoras seria essa. A segunda premissa talvez remeta à noção de comunicação da Folkcomunicação, que implica outra raiz, ou seja, uma comunicação mais unidirecional, onde se identifica um determinado ordenamento dos elementos que compõem esse processo. E, do meu ponto de vista, nos estudos culturais esse processo comunicacional é multidirecional e de longo alcance.

Você acredita que os estudos de gênero precisam de uma atenção dos estudos culturais?

Na Comunicação, sim! Acho que nós, do campo da Comunicação, damos pouca importância a uma problemática que merece atenção especial. Não vejo a constituição de uma história em relação aos estudos de gênero e suas vinculações com a mídia, o que no contexto anglo-americano é algo que já tem uma tradição consolidada. Nós temos revistas, a “Feminist Media Studies”, por exemplo. A crítica feminista dos estudos de televisão, por exemplo, é uma área que lá chove gente estudando e constitui uma área própria de estudos. Ou seja, eu não estou mencionando uma perspectiva teórica, mas uma área de estudos sobre a vinculação das investigações de mídia com os estudos de gênero e, dentro disso, os estudos de televisão e outras temáticas caras às mulheres, as revistas femininas, por exemplo.

Um dos temas recorrentes na discussão sobre pesquisa nas ciências sociais é a relação entre objetividade e subjetividade no processo de pesquisa. Como você analisa essa temática nos estudos culturais?

O que nós pesquisamos? Cultura. E cultura só existe com a ação do sujeito. Uma das questões que qualifica e constitui esse sujeito é a subjetividade. Negar isso me parece contraditório. Portanto, nós temos que investir cada vez mais na reflexão sobre o sujeito. Não é uma questão que pesquisar a subjetividade enviesse os trabalhos, ou tenha outras qualificações dessa ordem, mas eu acho que cabe romper um pouco com essa ideia cientificista de que só é científico o que é objetivo, observável, passível de medição e, portanto, só isso compõe o discurso científico.

Há muito tempo existe a ideia de que uma cultura não é superior à outra, mas a sociedade ainda não incorporou essa ideia. Por que isso ocorre?

Eu diria que há um enraizamento de uma visão sobre cultura e de julgamento de valor em relação às distintas formas culturais existentes. Há um julgamento de valor, existem instâncias de consagração, e estas se legitimam exatamente por dizerem o que é bom, o que é ruim, o que tem valor ou não. De outro lado, nós ainda estamos muito vinculados a uma concepção de cultura como um conjunto de artefatos extremamente criativos. Quando eu digo extremamente criativos, refiro-me às manifestações, às obras singulares, iluminadoras. Na maior parte das vezes, no nosso contexto contemporâneo, essas formas culturais são do mundo da vida, do dia a dia e elas não têm essa extraordinariedade, essa criatividade destacada e original. Portanto, nós temos que nos inserir dentro dessa outra lógica, nós temos que ir aos poucos nos desvinculando de uma concepção de cultura, que embora há muito tempo já esteja em discussão, parece que fica restrita a bolsões e que nós, no nosso dia a dia, ainda ficamos vinculados a essa ideia de que aquilo é para massa, de que eu não compartilho com aquela forma cultural, com aquela manifestação cultural porque ela é banal e não me traz nada.

Stuart Hall fez algumas atualizações na obra dele. O que você considera que permanece e mudou nas formulações de Hall?

Se eu posso dizer que algo mudou, é que ele flexibilizou no seu pensamento, na sua reflexão, o aporte estruturalista. Eu acho que se a gente observar, ler os textos de sua autoria da década de 70, eram textos onde, por exemplo, a força da ideologia, e a ideologia em termos de conceito, era muito mais forte do que hoje. Então, o próprio desdobramento de suas reflexões e a chegada em um determinado momento, vamos dizer assim, da problemática das identidades, o deixar de lado o uso, nas suas reflexões, do conceito de ideologia, isso me faz entender que ele flexibiliza um pouco as determinações na regulação da ação do sujeito. Embora, do meu ponto de vista, ele não se livre completamente do aporte estruturalista, porque está sempre pensando que essas representações, que estão em circulação, nos posicionam de alguma forma. Nesse sentido, aquele texto que é do fim de 90, “A centralidade da cultura”, fala disso. Ele fala que, apesar dessa centralidade da esfera cultural na nossa vida econômica, política e social, essas representações que estão em circulação de alguma forma autorregulam o nosso comportamento. Então, desse ponto de vista, eu acho que ele não se livra completamente do aporte teórico estruturalista.

Quais seriam suas três indicações para leitura?

Recentemente, foi traduzido um texto de um autor francês, Éric Maigret, pelo Senac. Por que eu destaco esse texto? Porque tem dois

capítulos sobre os estudos culturais e, no geral, os franceses são resistentes ao aporte dos estudos culturais. Esse é um texto, que tem como título “Sociologia da Comunicação e das Mídias”, para dizer que os franceses estão se debruçando sobre esse tema, tendo em vista, também, que em 2012, o grande evento dos estudos culturais foi realizado na França, pela primeira vez. Então, eu acho que é importante a leitura deste texto. Indicaria o livro “Da Diáspora” (Stuart Hall) e, para valorizar os autores nacionais, o livro que está no repositório da EDUFBA, “Comunicação e Estudos Culturais”. Mas temos uma vasta produção de estudos culturais em educação, também, com muitos textos apropriados aos estudos de mídia.

RECEBIDO EM: 13/08/2015 ACEITO EM: 29/09/2015